

## **Medicina de corpo e alma**

*A vontade inicial de ser engenheiro mudou no colégio, quando o jovem Ildefonso não aprovou o comportamento do pessoal que se preparava para a engenharia, que lhe parecia muito pedante. A habilidade com a matemática foi só um detalhe para, logo em seguida, escolher o vestibular de medicina.*

*Jamais se arrependeu da escolha. Tanto que, ainda estudante, interessou-se pelo que existe além do corpo físico. Muito cedo, passou a estudar a "fisiologia" do espírito, bebendo na fonte de Allan Kardec. E quanto mais viajava como médico sanitарista, mergulhando nas questões sociais, mais lhe entusiasmava a descoberta das outras dimensões humanas.*

*Assumi como compromisso desta encarnação a militância no movimento espírita e hoje, aos 87 anos, mantém o espírito jovem de um buscador da verdade, de caçador dos tesouros do conhecimento.*

### **Ildefonso do Espírito Santo**

Médico formado em 1955 pela Faculdade de Medicina da UFBA, trabalhou no Sesab. Fez o curso de saúde pública, passando a médico-sanitarista, atuando por mais de 30 anos, atendendo a muitas comunidades na capital e pelo interior da Bahia.

Como militante do Espiritismo, viajou pelo País incentivando a divulgação da Doutrina por métodos atualizados, tornando-se reconhecido nesse movimento. Ex-presidente da Federação Espírita da Bahia e da Associação de Medicina e Espiritismo da Bahia, mantém movimentada agenda na organização de eventos e como palestrante.



**Luta Médica:** *O que mudou no Estado desde a época que o senhor começou a trabalhar para a Sesab? Melhorou? Piorou? Como o senhor vê essa questão do atendimento à população?*

**Ildefonso do Espírito Santo:** O passado nunca foi um mar de rosas. Aposentei-me em 1993, já com 35 anos de serviço (juntei tempo do estado e do emprego federal). Como sanitarista, meu turno era integral. Naquele tempo (há mais de dez anos) minha sensação era de mais compromisso com a sociedade. A população também era menor. Com o crescimento populacional a sociedade se desorganizou. É difícil ter planejamento que acompanhe esse crescimento.

Houve uma época em que existiam sociedades de bairros, o que ajudava muito a cobrar uma resposta às necessidades destes grupos. Por aí, nós vemos que não é falta de recursos, é a adequação destes recursos e da tecnologia. O modelo administrativo precisa de uma revisão.

Nós viajamos muito. Eu fiz o curso de saúde pública, e fui convidado para trabalhar na Superintendência de Saúde – já para trabalhar como sanitarista -, então eu me permiti conhecer bem o trabalho do estado. A impressão que tenho é que naquele tempo existia mais sentimento com

relação ao paciente, mas hoje o volume é tão grande de pacientes, que os funcionários não têm condições de serem solidários.

**LM:** *Como o senhor vê a situação dos aposentados? A remuneração é satisfatória? É justo trabalhar 30, 40 anos para o estado e chegar à aposentadoria tendo que continuar trabalhando?*

**IES:** O fato é que a remuneração é baixa. E o compromisso que temos com a sociedade é muito grande. Sempre foi uma luta para conseguir concessões, abonos, ter direito a um aumento. E, hoje, vejo que é a mesma situação.

Muitos colegas foram à Justiça para melhorar a aposentadoria. Mas eu optei por não ficar muito atrás disso. Não acho errado não. Todo mundo tem que lutar pelos seus direitos.

Em anos de trabalho não fiquei rico. Mas medicina não é uma profissão qualquer. Só se faz medicina com amor. O dinheiro não paga o serviço médico. Acho importante dizer, porém, que me considero rico em experiências e conhecimentos que a medicina me proporcionou.

**LM:** *O senhor falou de amor para o exercício da medicina e da riqueza de experiências. Quais seriam outros valores importantes para o trabalho médico?*

**IES:** O senso de responsabilidade que a profissão acarreta e o compromisso com os pacientes. É comum vermos hoje médicos requisitando exames e passando medicamentos, cuidando prioritariamente dos sintomas. Mas o diagnóstico, que é fundamental passa por um conhecimento mais amplo da situação do paciente. Mas isso precisaria de tempo para fazer um exame mais detalhado possível, ouvir a sua história e nem sempre é possível fazer esses procedimentos porque o tempo dado para atendimento é muito curto. Primeiro é preciso dar valor ao afeto, ao carinho: coisas que ainda vale a pena usar. Isso para qualquer profissão. São pilares para a vida.

Meus pais, por exemplo, não eram letrados, mas me deram muito afeto. Tenho que mencionar, ainda, o Espiritismo, a Escola de Pais, que me

ensinou a casar bem e educar meus filhos com dignidade e para o mundo – tenho três filhas e um filho (adotivo). Uma é médica e hoje mora em Paris, outra é arquiteta na Flórida, uma era psiquiatra, mas já faleceu e tem o meu filho que morava na Itália e agora reside em São Paulo.

A sociedade precisa reconhecer o papel da família como instrumento de educação. O capitalismo é um sistema muito rude, que incentiva o consumismo, que é uma coisa danosa a nossa população. Nem as crianças são poupadas. As crianças são vítimas do apelo mercadológico e os valores vão se perdendo. A sociedade precisa se comprometer a frear essa arrancada do capitalismo. Se todas as pessoas individualmente se sentirem felizes, a felicidade atingirá o mundo todo.

**LM:** *Mudando um pouco de assunto, queremos saber se na sua vida – como medico e nas outras atividades em que se envolveu -, o senhor sofreu alguma vez preconceito racial?*

**IES:** Eu lidei sim com situações de preconceito, mas administrei bem. O que eu faço por uma pessoa que me faz uma ação preconceituosa é orar por ela, pois não entende a diversidade.

Nosso grande mal é a ignorância, isso vale pra tudo. Vemos nos animais, a particularidade de cada um. Até entre os peixes, vemos a riqueza de condições em que vivem as diferenças.

Preconceito é ignorância, o grande mal da humanidade. Mas o esclarecimento nos prepara para resistir bem. Porque eu sei que as pessoas que fazem isso são superficiais. O homem não é cor. O homem é um espírito dotado de inteligência, que pode ser mais ou menos desenvolvida. O terceiro capítulo do *Evangelho Segundo o Espiritismo*, livro que eu estudo e discuto há muito tempo, mostra que a terra é um planeta de expiações e provas. Explica que todos os mundos têm um significado e uma função. A Terra tem a dela. E a discriminação é uma condição humana de aprendizado a ser superada.

O indivíduo que é negro hoje, pode ter sido branco, e no futuro poderá ser de qualquer cor, porque o espírito vai vestindo em cada encarnação um corpo novo.

**LM:** *Então a condição humana está sempre mudando, mas o espírito permanece o mesmo?*

**IES:** Não exatamente. Na verdade tudo está sempre mudando e a evolução dos espíritos muda as condições do planeta em que ele vive. O espírito sofre transformações de acordo com o meio em que convive em cada momento histórico. Vemos hoje muitas coisas caindo por terra, os valores reais estão sendo descobertos. Há muita diferença de como era há 50 anos atrás.

Hoje vemos crianças querendo mandar nos pais o que provoca confrontos. Mas há crianças que já estão chegando prontas – as índigo. São espíritos preparados e com a percepção maior de que as condições da terra vão mudar, e tem prazo pra isso.

**LM:** *Enquanto a evolução está em processo, como lidar, por exemplo, com a violência?*

**IES:** Santo Agostinho, que foi muito inteligente e deu grande contribuição ao espiritismo já falava sobre a superação das diferenças e dos conflitos para atingir a paz.

Guerras já fizeram o Papa pedir perdão. E as guerras “santas” foram as piores. Tudo isso decorre da ignorância do homem. Porque não somos cor, nem corpo, somos consciência. Mas tem uma série de fatores que faz com que as pessoas vejam meio como fim.

Hoje o nível de desequilíbrio, de insatisfação e a perda de valores humanos essenciais agravam a violência na nossa sociedade. Eu mesmo vivi uma situação de violência urbana, mas foi em outra época e, talvez por isso, graças a Deus, saí ileso.

Meu carro foi tomado de assalto aqui na porta, à noite, quando chegava em casa (na Lapinha). Me levaram junto, mas disseram que só queriam o carro. O tempo todo eu fui conversando com eles, procurando mostrar que aquilo estava errado. Eu disse: Olhe você vai se arrepender disso, violência gera violência. Depois falei do evangelho, aí um deles disse: Eu não quero saber disso não. Eu disse: Mas queira. E aí fui com o evangelho e orando, orando. Eu pensei: não vão me matar, porque não tem porquê me matar. Deixaram-me lá em Periperi, e levaram o carro.

Quando voltei, estava todo mundo dormindo. No dia seguinte, telefonaram de manhã dizendo que o carro tinha sido devolvido. Deixaram em frente a um colégio e botaram a chave em cima do pneu traseiro. Minhas filhas queriam dar queixa na polícia, mas eu disse que não, porque eu prometi a eles que não ia mandar a polícia atrás.

**LM:** *E a questão da educação na nossa sociedade, como o senhor vê?*

**IES:** Temos que superar a falta de conhecimento, e com o recurso que se tem hoje de informação e discussão, muita coisa nova está surgindo, mas a nossa educação ainda não é feita pra corrigir essas coisas.

Pestalozzi, que foi um dos grandes colaboradores de Alan Kardec, dizia que a educação só se dá na convivência. Então, ele tinha um colégio e lá morava com os alunos. A educação era personalizada, individualizada. Mas infelizmente com esse volume de gente hoje não dá pra fazer isso. A educação está cada vez mais impessoal.

Agora tem que educar os pais pra que eles possam afetivamente corrigir as distorções de uma educação massificada. O próprio espiritismo não está chegando ainda nisso.

**LM:** *Como foi que o senhor estabeleceu a relação entre medicina e espiritismo?*

**IES:** Quando decidi fazer medicina já tinha conhecimento do espiritismo, desde meus 13 anos. Meus pais eram espíritas, mas eu não tinha nenhuma militância.

Quando fui estudar, morava na Liberdade. Naquele tempo não tinha bonde. Então eu fiquei numa pensão lá na ladeira da Independência, pra ficar mais fácil fazer os estudos. Tinha mais tempo. Só ia para a Liberdade no final de semana. Eu morava com um colega também daqui da Bahia, e um dia recebemos um convite pra ir à União da Mocidade Espírita Baiana, onde funcionava um grupo de jovens, que era o primeiro de mocidade espírita aqui da Bahia, que se reunia na chamada casa de Petitinga, no Cruzeiro de São Francisco.

Fui e gostei. Porque gosto de polemizar, questionar, discutir as coisas. Lá a gente discutia muito, fui me entusiasmando pelo estudo.

Então, quando eu fui fazer a medicina, eu já estava no estudo do espiritismo. E tinha um colega, o Heitor Cardoso (que morreu no ano passado), que era espírita e também estava lá no primeiro ano de medicina, e foi um reforço para minhas buscas.

O amigo que morava comigo também ficou encantado. Não paramos mais. Eu comecei a pensar, a raciocinar. Então nós saímos por algumas cidades do interior onde havia centros espíritas, incentivando a formação de núcleos de jovens, Mocidades.

**LM:** *E quais são suas expectativas hoje?*

**IES:** Eu digo que não quero morrer. Mas quando eu morrer, não vou achar ruim, por que eu já estou preparado para continuar. E agora estou estudando muito isso. O porquê das coisas que ocorrem conosco.

Eu sinto muito pelas coisas que a gente faz hoje neste planeta, mas tudo é fruto da ignorância. Matar o inimigo só piora a situação. Porque se ele for inteligente, vai ter mais possibilidades de atingir aquela pessoa do que quando vivo. Ele fica na invisibilidade, ele não paga transporte. Ele ta aqui e pode estar no Rio de Janeiro em segundos, quem é que pode mais, vivo ou morto?

-----